

O perfil do regente-arranjador e a presença de arranjos no repertório coral brasileiro

CAROLINA ANDRADE OLIVEIRA
ECA/USP - carol_spm@yahoo.com.br

SUSANA CECILIA IGAYARA-SOUZA
ECA/USP - susanaiga@gmail.com

Em nossa pesquisa de mestrado, buscamos investigar, identificar e analisar as práticas do regente-arranjador no ensaio e na performance de seus próprios arranjos de música brasileira, bem como discutir a circulação desse repertório no ambiente coral.

Através de um levantamento bibliográfico, foram localizados trabalhos que versam sobre arranjadores (SILVA; BORÉM 2005; TEIXEIRA, 2013; SOARES, 2013), sobre a técnica dos arranjos (SOBOLL, 2007; CARVALHO, 2009, 2013; PEREIRA, 2013), sobre a discussão do arranjo na cultura brasileira (CAMARGO, 2010; MÜLLER, 2013) e sobre arranjo e educação musical (SOUZA, 2003).

Para este artigo, focamos em dois aspectos. O primeiro é o perfil do regente-arranjador, a partir da investigação das trajetórias acadêmicas e profissionais de um grupo de pessoas atuantes no ambiente coral brasileiro a partir dos anos 70 até hoje, como regentes e arranjadores de coros ou grupos vocais. Nesta fase da pesquisa, recorreremos ao uso da prosopografia⁶¹, recolhendo dados biográficos de regentes-arranjadores e fundando um mapa analítico das categorias consideradas fundamentais para entender como se forma um profissional com esse perfil. O segundo aspecto é a presença de arranjos no repertório coral. Através de uma análise quantitativa utilizando programas de concertos de encontro corais, identificamos a porcentagem de arranjos em relação à de composições.

⁶¹ “A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas.” (STONE, 2011, p. 115).

Metodologia

Evitando correr o risco de generalizar alguns resultados, optamos por fazer um recorte geográfico e temporal, para trabalharmos com um número menor de dados. Para a aplicação do método prosopográfico, definimos listar regentes-arranjadores do Sudeste do Brasil (nascidos e/ou que atuaram nele) e atuantes partir dos anos 1970, com algum arranjo de música brasileira em sua produção.

Para a coleta de dados biográficos, escolhemos utilizar apenas fontes provenientes da internet. Apesar de essa escolha eliminar não usuários de internet, acreditamos que abrange a maior parte da comunidade coral, visto que se usa cada vez mais esta tecnologia para facilitar a reunião de pessoas, o que é uma característica inerente a grupos corais. Através da internet, fizemos uso de diversas fontes: currículos artísticos; currículos lattes; Artigos, teses ou dissertações; redes sociais e sites de compartilhamento de áudios ou vídeos; sites diversos da área coral.

152

Para formar um mapa analítico, foram escolhidas e categorizadas as seguintes variáveis: Gênero; Local de nascimento; Ano de nascimento; Local de atuação como regente-arranjador; Formação musical; Outras formações; Instrumentos que domina/Canto; Profissão principal; Gênero musical; Atividade coral desde quando; Coros em que trabalha (trabalhou) [tipo]; Repertório.

Para investigar a presença de arranjos no repertório coral, analisamos programas de concerto, comparando a quantidade de arranjos em relação à de composições, também separando músicas brasileiras e internacionais. A pesquisa analisará algumas séries de encontros corais, para este trabalho será analisada a “Mostra Vocal” em suas primeiras quatro edições (1991 a 1994). Esta série foi coordenada pelo regente-arranjador Marcelo Recski e promovida pela Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo.

Análise dos dados: perfil do regente-arranjador

Nossa pesquisa coletou dados de 32 regentes-arranjadores (Sudeste, desde 1970). Algumas das informações inicialmente escolhidas para serem coletadas nesta pesquisa simplesmente não são encontradas na grande maioria dos currículos artísticos e demais fontes analisadas.

“Outras formações”, que talvez viesse a confirmar uma suspeita nossa de que regentes-arranjadores vêm de outras áreas que não a música, não foram informadas em 81% dos currículos. Mas não há como saber se esta falta de informação é por inexistência ou omissão. O fato é que nossa suspeita não se confirmou, visto que apenas 12% não têm ou não informam sua formação (musical ou não). Os outros 88% têm formação musical (inclusive os que declaram outras formações). Os níveis de formação musical vão de técnico a doutorado.

Ainda relacionado à formação do regente-arranjador, “atividade coral desde quando” é um dado quase sempre desprezado nos currículos, talvez por não considerá-lo importante em sua descrição profissional, os pesquisados não o fornecem, assim como “ano e local de nascimento” – os poucos dados encontrados foram obtidos em redes sociais. Localizar quando o indivíduo adentrou no ambiente coral – normalmente iniciando como coralista – torna-se quase impossível, visto que currículos artísticos tendem a não narrar inícios de carreira e ambientes de aprendizagem. Paz (2014) relata o “silêncio dos dados” de sua pesquisa, analisando a ausência de informações sobre as primeiras e últimas aprendizagens de músicos da elite musical portuguesa:

Muitos artistas foram formados em contexto profissional e, nos vários momentos em que as suas biografias foram escritas e rescritas, nem sempre fez sentido nomear determinado ambiente como local de aprendizagem. [...] incapazes de designar muitas aprendizagens como tal, as narrativas de vida fazem frequentemente surgir do passado figuras que, com algum tipo de educação ou contacto com a prática musical, rapidamente passaram a um estágio de excelência musical que as tornou dignas de memória. Ou

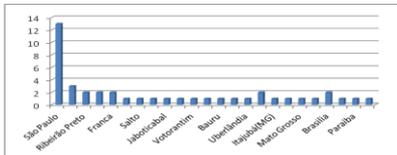
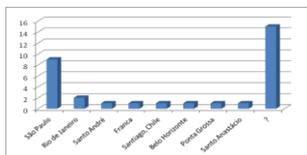
será, no limite, impossível designar este primeiro e este último ambiente de formação? (PAZ, 2014, p.13-14).

Os “gêneros musicais” e o “repertório” são informações também desconsideradas nos currículos. Isso nos sugere uma possível característica: a diversidade de gêneros e repertórios trabalhados, considerando que estes indivíduos atuem em mais de um grupo com perfis diferentes, ou diversifiquem o repertório num mesmo coro. Posteriormente, isto será verificado através de análise dos programas e das entrevistas. Como as fontes indicam apenas o nome dos coros, sem preocupações com descrições, “coros que trabalha (trabalhou) [tipo]” também necessitará uma investigação secundária.

Seguindo a metodologia da prosopografia, ou seja, buscando uma biografia coletiva do regente-arranjador coral a partir de 1970 no sudeste brasileiro, vemos: 75% masculino, nascido e/ou atuante principalmente em São Paulo (28% e 40%), 53% dos que declaram sua formação musical possui pós-graduação, 25% pianista, 62% tem como profissão principal ser regente coral e 75% exerce atividade de docência.

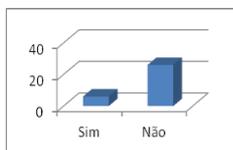
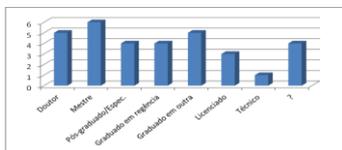
Trabalham fora do Sudeste somente dois dos regentes-arranjadores nascidos nele. A discussão sobre migração foge do âmbito deste trabalho, mas este dado reforça a opinião geral de um mercado de trabalho bastante ativo no Sudeste.

154



Gráficos 1 e 2: Local de nascimento e Local de atuação.

Apenas 12% dos pesquisados é formado em Regência, apontando uma forte característica do regentes-arranjador que é a multidisciplinaridade, com bacharéis em instrumento ou licenciadas. As formações também apontam para carreiras acadêmicas, visto que mais da metade possui pós-graduação.



Gráficos 3 e 4: Formação musical e Outras formações.

Entre os regentes-arranjadores há um predomínio de pianistas (25%), violonistas (18%) e cantores (18%), porém vale ressaltar que 46% não declarou que instrumento domina ou se é cantor em nenhuma das fontes pesquisadas.

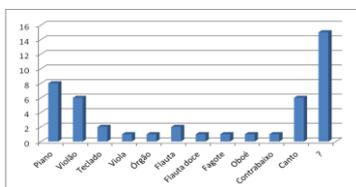
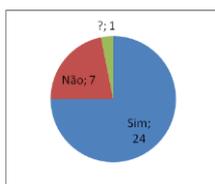
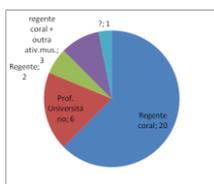


Gráfico 5: Instrumento que domina / Canto.

Grande parte dos regentes-arranjadores (62%) tem como profissão principal ser regente coral, seguido por ser professor universitário (18%). Porém a maioria (75%) é ou atuou também como professor, seja em conservatórios, escolas regulares, universidades, festivais etc. O que reafirma a estreita relação do ambiente coral com a educação musical.



Gráficos 6 e 7: Profissão principal e Se é professor.

Análise dos dados: presença de arranjos

Nossa pesquisa analisou os programas de concerto das quatro primeiras edições da “Mostra Vocal”, listando e categorizando as músicas executadas pelos coros adultos

participantes⁶². Definimos quatro categorias: Composições internacionais; Arranjos de músicas internacionais; Composições brasileiras; e Arranjos de músicas brasileiras, sendo esta última o principal foco de nossa investigação.

No decorrer das edições, a quantidade de coros participantes variou – de 8 grupos na primeira edição, para 23 na quarta – o que, conseqüentemente, fez variar bastante a quantidade de músicas executadas – de 50 para 125 –, porém podemos perceber algumas tendências e predominâncias de repertório ao longo de todas as edições⁶³.

Observando os gráficos separados das edições, vemos que há um predomínio de arranjos em relação a composições (1ª 76%, 2ª 82%, 3ª 55% e 4ª 66%). Se considerarmos somente os arranjos de música brasileira, ainda teremos maioria, com exceção da 2ª edição, em que a quantidade de arranjos internacionais é maior. Essa alteração pode ser explicada por uma forte tendência da época de spirituals afro-americanos no repertório, tendo, por exemplo, um dos coros, feito um programa inteiro com esse gênero.

Vários grupos têm seus programas inteiros só com arranjos, e alguns deles executam somente arranjos de músicas brasileiras, como o “Coralusp grupo tarde” (2ª edição) e o “Coral Una Voz” (4ª).

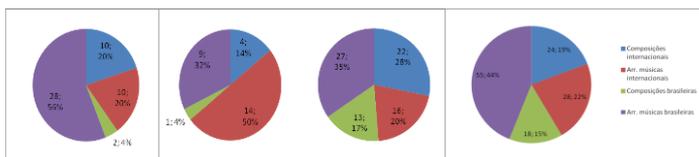


Gráfico 8: Presença de arranjos x composições nas edições 1, 2, 3 e 4, respectivamente, da “Mostra Vocal”.

⁶² Os coros infantis e infantojuvenis não foram considerados na pesquisa por se dedicarem a um repertório específico para essas formações vocais, fugindo do âmbito desta pesquisa que se dedica a coros adultos.

⁶³ Ressaltamos que alguns coros não informaram seus repertórios até o fechamento dos programas para serem impressos. Também é sabido que algumas vezes os grupos não executam exatamente o que foi informado nos programas.

Dos 36 grupos, listamos 282 músicas executadas, das quais 187 são arranjos, sendo 119 de música brasileira, que foram subcategorizados, dividindo-os em: Arranjos do próprio regente; Arranjos de outro regente; e Arranjos de outros⁶⁴.

Muitos grupos executam arranjos de seu próprio regente (22%), como o “Madrigal Meia Boca” – A. Zilahi (4ª edição) e o “Grupo Canto Porque Gosto” – Julio G. Maluf (3ª). Porém boa parte dos arranjos executados foi feita por regentes de outros grupos (47%), o que diz muito sobre a circulação massiva desse tipo de repertório entre os coros. Unindo estas duas parcelas, temos 69% dos arranjos sendo criações de regentes-arranjadores.



Gráficos 9 e 10: Acumulado das edições da “Mostra Vocal” e Arranjos de música brasileira feitos por regentes-arranjadores.

Considerações finais e próximos passos da análise

Como resultados parciais, temos um perfil preliminar do regente-arranjador e uma confirmação do seu papel na transformação das práticas corais a partir dos anos 70. Confirmamos também o potencial do método prosopográfico e dos programas de concerto na análise da circulação do repertório coral no Brasil no período estudado (1991 a 1994).

A prosopografia é um método que não se esgota em si mesmo, ele serve para explorar e apontar as características comuns de um determinado grupo de pessoas. Este estudo coletivo nos deu base para projetar o perfil do regente-arranjador brasileiro.

Para aprofundar a análise e elucidar alguns pontos que ficaram vagos, tomamos como próximos passos da análise a particularização de alguns indivíduos, usando entrevistas semiestruturadas.

⁶⁴ “Arranjos de outros” considera arranjos de músicos não-regentes e também arranjos em que o arranjador não foi informado.

Referências bibliográficas

- CAMARGO, Cristina Moura Emboaba da Costa Julião. *Criação e arranjo: modelos para o repertório de canto coral no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Música). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010.
- CARVALHO, Rogerio Lacerda. *O arranjo vocal de canção popular brasileira: Villa-Lobos, Os Cariocas e Marcos Leite*. Dissertação (Mestrado em Música). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- CARVALHO, Rogério. *A Textura no Arranjo Vocal de Música Popular Brasileira*. XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – Natal, 2013.
- MÜLLER, Cristiane. *O cantor emancipado: Coro Cênico como transformador do movimento coral no Sul do Brasil*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2013.
- PAZ, Ana Luísa (2014, no prelo). *A elite musical portuguesa: Sua prospeção e prosopografia*. Atas do II Congresso Anual de História Contemporânea. Évora, 16 a 18 de Maio de 2013 (18 págs.). Évora: Universidade de Évora.
- PEREIRA, André Protásio. *Arranjo vocal de Música Popular Brasileira para coro a cappella: estudos de caso e proposta metodológica*. Dissertação de mestrado – UNIRIO – Rio de Janeiro, 2006.
- SILVA, Flávio Mateus da; BORÉM, Fausto. *Marcos Leite e seus arranjos vocais para o grupo vocal Garganta Profunda: aspectos históricos e estilísticos*. XV Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – Rio de Janeiro, 2005.
- SOARES, Lineu Formighieri. *A escrita coral para a Música Popular Brasileira na visão de Marcos Leite*. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas – Campinas, 2013.
- SOBOLL, Renate Stephanes. *Arranjos de música regional do sertão caipira e sua inserção no repertório de coros amadores*. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Goiás – Goiânia, 2007.
- SOUZA, Sandra Mendes Sampaio de. *O arranjo coral de música popular brasileira e sua utilização como elemento de educação musical*. Dissertação (Mestrado em Música). São José do Rio Preto: Universidade Est. Paulista Júlio Mesquita Filho, 2003.
- STONE, L. *Prosopografia*. Revista de Sociologia e Política, v. 19, n. 39, p. 115-137. Curitiba, 2011.
- TEIXEIRA, Paulo Frederico de Andrade. *Samuel Kerr: um recorte analítico para performance de seus arranjos*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.